

DO
CONSERVATORIO.N.º 7.) *Publica-se todos os Domingos.* (Jan. 19, 1840.)A PRESIDENCIA
DO
CONSERVATORIO.

A proposta do Sr. Conselheiro Almeida Garrett para que o Conservatorio solicitasse de S. M. ElRei D. Fernando a honra de accèitar a Presidencia honoraria do Instituto, foi acolhida em conferencia pública de de Dezembro ultimo com geral enthusiasmo e adoptada por aclamação.

Foi o Sr. Garrett encarregado de nomear uma grande Deputação do Conservatorio que com o dito Sr. fosse á Presença de S. M. levar-lhe aquella mensagem. Os nomeados foram os Srs. Conde de Lumiares, General Raivoso, Jervis de Atouguia, Conde de Mello, Manoel da Silva Passos, Bomtempo, Conde da Taipa, Gonçalo Vaz de Carvalho, Antonio Feliciano de Castilho, Philippe Folque, D. Gastão Faustó da Camara, Marquez de Valeaça, Alexandre Herculano, Doutor Loureiro, João de Sousa Pinto de Magalhães, Antonio José de Lima Leitão.

Tomadas as ordens de S. M., e marcada a hora do meio dia para a recepção, a essa hora se achou a Deputação no Palacio das Necessidades, e admittidos á Presença de S. M., o Sr. Conselheiro Garrett leu o seguinte breve discurso:

SENHOR.

Dignou-se S. M. A RAINHA, Tirar-me de minha obscuridade para me confiar a execução de seu grande e patriótico pensamento, o de fundar o nosso theatro, regenerando as artes que o formam.

Obedeci, Senhor, renunciei á minha bem-aventurança n'este mundo, que é o socego do meu gabinete, querido refugio d'um homem de letras em tempos como estes, e fui por todas as classes, e sem distincção de partido, solicitar o auxilio dos litteratos mais distinctos, dos artistas, de quantos mostravam zelo e fervor por este antigo empenho da Nação.

Assim nasceu o Conservatorio onde a Mu-

sica, a Declamação, a Choreographia, todos as artes que auxiliam e constituem a dramatica são ensinadas pelos nossos Professores, fomentadas pelos nossos litteratos.

Começámos ha pouco mais de um anno, e vinte e tantos dramas originaes tem apparecido já n'esta lingua portugueza que ha 8 séculos se fala, ha quasi cinco que tão elegante se escreve, que por mais de oito milhões de homens é hoje fallada, e que ainda tanto não tinha feito desde que nascera.

Duzentos alumnos frequentam as nossas escholhas; de alguns temos grandes esperanças.

A minha missão está concluida, a do Conservatorio começada.

Eu e elle vimos aos Pés de V. M. para que Se Digne Fazer-nos honra e mercê, accèitando a Presidencia honoraria d'este Instituto; porque trabalha e zêla, porque tem um fim eminentemente patriótico e civilizador; e porque amparado aqui com a Presença de V. M., ha de fazer honra á Nação, e não ha de deslustrar o Augusto Nome do seu Presidente.

Beijamos todos a Mão de V. M. pela mercê.

Lisboa em 13 de Janeiro de 1840.

Assignado = João Baptista de Almeida Garrett.

S. M. Dignou-se responder o seguinte: «Agradeço muito o favor que Me faz o Conservatorio, e o Aceito com muito gosto. Eu Hei de fazer tudo quanto estiver da Minha parte para fomentar um Estabelecimento tão util e que tanto promete á Litteratura; e ás Bellas-Artes. Podem assegurál-o assim em Meu Nome a todos os seus Collegas.

S. M. Entreteve-se depois familiarmente com alguns dos membros da Deputação, que mais conhecia, e ao Sr. Castilho, que via pela primeira vez, dirigiu alguns cumprimentos lisonjeiros sobre o seu talento e composições.

Retirando-se ElRei, a Deputação solicitou devidamente a honra de ser admittida a beijar a Mão de S. M. a Rainha, que immediatamente os Recebeu. Dignaram-se depois SS. MM. dar á Deputação ainda outro testemunho de Sua Benevolencia, apresentando-lhes o joven Principe Real cuja formosura e amabilidade todos admiravam.

JORNAL DO CONSERVATORIO.

BELLAS ARTES.

Alonso Cano, e o Muséo Hespanhol.

Tencionando dar a nossos Leitores os Pareceres das Commissões do Conservatorio ácerca dos Dramas a elle submettidos, por os julgarmos de summo interesse em razão dos motivos em que basêam a censura e o louvor que lhes distribuem; começaremos pelo seguinte a respeito do Drama — *O Emparedado*, — por ser este o primeiro que ao Conservatorio concorreu, merecendo ser admittido ás próvas públicas.

PARECER.

A Commissão encarregada de examinar o Drama Original Portuguez, que tem per titulo — *O Emparedado, ou a Constancia na vingança* — passou á sua leitura, e por voto unanime de seus membros, appresenta a este Conservatorio o seguinte Parecer. — A Commissão reconhece no Aulhir do Drama bastante engenho e disposição para o genero em que começa a exercitar-se, mas não pôde dessimular, que nesta composição encontra os defeitos seguintes. — 1.º Os dois primeiros actos são absolutamente desprovidos de interesse. — 2.º A Fabula é desatada, sem progressão Dramatica, e os seus meios sem proporção com os fins. Este defeito é talvez o mais importante em qualquer composição Theatral. — 3.º Os caracteres são debéis, e alguns delles falsificados, por exemplo os da Rainha, e do Mestre d'Aviz. — 4.º Os costumes da época estão pintados com pouca fidelidade. — 5.º O estilo é demasiado simples e falto de colorido poetico. — 6.º O dialogo é habitualmente prolixo, sem viveza, e sem inergia. — 7.º Na Scena entre a Rainha e o Hebreu nota-se uma familiaridade, que pôde julgar-se indecente. — 8.º A linguagem posto que em sua generalidade seja correcta, é de quando em quando maculada de phrases, e palavras chulas, indignas de gravidade da Scena, e do decoro das personagens que fallam. — A Commissão per tanto, apesar de algumas Scenas bem pensadas, e das intenções Dramaticas, que devidamente aprecia n'esta Peça, julga que não está nas circumstancias de ser admittida ás provas publicas. — Lisboa em Sessão da Commissão, em 12 de Março de 1839. — *Conde do Farrobo*. — *Vasco Pinto de Balsemão*. — *José Maria da Costa e Silva*.

Quão numerosas são as paginas do célebre Murillo! Como é facil, quanto é engraçado o seu pincel! Dirias misturar-se um pensamento do mundo ao religioso que ressumbra d'aquellas fronteas da Virgem — creações do Raphael da Hespanha; e que um typo amado, como o do Raphael do Vaticano, de sobre a mansarda de pintor lhe revoava. — E as paixões humanas de envolta sempre com a industria, e poesia do homem!

Uma côr tão suave, uma expressão tão meiga não podia ser o caracter constante da tela hespanhola; porque a civilização desse paiz não simelha italianas, ou francezas civilizações: e na imaginação desse povo a lembrança do inferno predomina as santas alegrias do parayzo. O temor, e não a esperança, eis a religião na Hespanha.

Suppliciaua-se na toca cella o monge; a inquisição suppliciaua os hereticos; e quando a inquisição cançára, e as torturas dos conventos repoisavam entre brandos gosos do socegado retiro, então á imaginação d'aquelle povo se faziam mister lembranças d'inferno terrestre, scenas de supplicio e martyrio.

E quem não explicará dest'arte o estilo dos Ribera, e dos Zurbaran, exercendo-se cruaente em cabeças de angustiados Sacerdotes, e Confessores, que exalavam o derradeiro anhélito em face do riso convulsivo dos algozes? Accusarão porventura de aridez a Zurbaran e Ribera, não se lembrando que para dar austeridade ás formas, para humilhar a carne ante a viva luz do espirito, cumpria ser desalinhado em os contornos, e na impressão da belleza terrestre. O pincel do artista devia allumiar a fronte do cenobita, ou do martyr dessa luz diaphana, que parece estabelecer uma relação sympathica entre a terra e o Céu! Quanta expressão a idéa pôde dar aos typos do soffrimento e resignação christans, Zurbaran e Ribera lh'a prodigaram.

D'estes, e sua eschola se appartou Velasques; ou, para melhor dizer, jámais elle a seguiu; o que muito bem se explica e concebe. — Velasques era o valido do ministro Olivares, viveu entre os prazeres e luxo; entre o incenso da admiração, bellissimas damas, e delicias da corte. Para elle o sol d'Hespanha, e o sorriso das Castilhanas, deviam ter mais brilho e mais doçura; eis a razão porque seu colorido é bri-

thante, e á bôca de suas figuras a entre-abre um continuo sorriso. *Alonso Cano* a ninguém simelha, e ao mesmo tempo possui alguma coisa de todos os pintores contemporaneos, originalidade, rudeza, vigor, colorido, e algumas vezes, graça; em fim é nas suas obras tão caprichoso como na sua existencia privada. — Alonso Cano modelava, esculpia, e pintava; era o Miguel-Angelo da Hespanha; mas um Miguel-Angelo, que viajando continuamente de villa para villa, de cidade para cidade, e d'um convento para o outro, se fazia comediante, quando o buril ou pincel repousavam, recusava declamar os versos dos auctores hespanhoes quando a fortuna lhe concedia fixar suas bellas poesias na parede dos templos. Um motejo pezado e acébro contra um de seus camaradas, que havia desastradamente pintado a fronte da Virgem para o altar-mór de uma das principaes Igrejas de Madrid, determinou a vida nomada e errante do artista. — Muitos annos tinham decorrido desde que Alonso percorria a Hespanha, aproveitando-se do duplo talento de pintar e declamar, quando uns salteadores lhe roubaram o fructo de suas economias. Affligiu-se por extremo com esta desaventura, como todos os homens dotados de imaginação ardente: começou a viajar sem querer utilizar-se de seus meios. — Chegára por uma tarde aos arrabaldes de Sevilha, cheio de fadiga, as pernas cediam ao peso do corpo, quando um lampejo d'esperança brilhou ao descorçoado viandante; Alonso descortina á esquerda do caminho edificios que formavam grupo em torno d'uma Igreja, e pola fórma das janellas, pola cor das paredes, e o estudado alinhio, que reinava nos terraços, suppôz que era um convento de freiras. Nem se enganára: n'um instante a porta toda esculpida de muito sanctas historias se abriu para o receber. — Mas qual foi a surpresa, e admiração do pobre pintor quando encarou a phisionomia virginal da que tem a incumbencia de abrir a porta ao viajante! (*) Si Alonso ousára pronunciar uma palavra, ou si a Virgem levantasse os olhos, teria feito uma preciosa descuberta; mas elle pediu unicamente a hospitalidade a titulo de viajante desgraçado, e sem meios, esquecendo-lhe falar de seu talento. Apenas se achou só diante da lampada que lhe allumiava a refeição; Alonso pensa na Freira cujo rosto e feições sobegadas, angelico sorriso, negros sobr'olhos, e corpo esbelto e aéreo se lhe haviam apresentado, como uma apparição radiosa; e tomando então uma faca, esculpe na parede o retrato d'aquella cujas proporções suaves, se lhe tinham tambem esculpido na lembrança.

No dia seguinte Alonso Cano tinha dei-

xado a cella para ir em busca da sua apparição, e não a poudo encontrar; mas como viesse a tomar a refeição da tarde, uma viva agitação se apossou d'elle, ao conhecer que uma mão estranha tinha ajuntado alguma coisa ao seu esbôço: — era um grande M. traçado por baixo do retrato. Deu-lhe nova coragem a descuberta, e passou a noite a discriminar em meio relêvo, a pulir o ditoso trabalho. Pela manhã estava elle perfeito, e o artista surriu á sua obra. — No decurso do dia, um admirador estranho visitou mysteriosamente a criação do amor, pois que, antes da noite, a semi-revelação do dia antecedente se tinha completado, e ao artista foi concedido ler um nome inteiro em baixo do retrato: o nome era — MANUELA. Electrizado pola conquista, que seu talento acabava de fazer do coração virginal d'uma mulher, Cano trabalhou todo o seguinte dia a esboçar uma apothéose de Virgem no meio de uma moldura branca, que lhe coroava a cella, e tendo acabado, pediu uma audiencia á Abbadessa: — Sou pintor, lhe disse elle; vêde...! — Desde esse momento foi Cano o semi-deus da Communidade; e no seguinte dia já um andaime se alçava no altar da capella da Virgem.

Cano pôz immediatamente mãos á obra, envolvendo-se de pannos para trabalhar nesse silencio isolado, que prepara as inspirações. — Vinham de tempos a tempos as Religiosas assentar-se atraz d'algum pilar da Igreja para seguir com os olhos da imaginação os progressos do mysterioso trabalho: e a algumas porventura as mais jovens, perto da noite, e quando as fôrmas se perdem na obscura unidade das sombras, affigurou-se-lhes escutar uma conversa em voz sumida, cujas accentuações não faziam écho na abobada aguda da capella da Virgem; porém de dia o retiro do artista era totalmente silencioso. — Cano desceu finalmente da elevada officina, e o trabalho estava concluido. Offereceram-lhe uma recompensa, que não quiz acceitar; porém ao mesmo tempo impôz á Communidade a condição de não tirar o andaime, nem ver o retabolo senão doze horas depois da sua partida. Acceitaram, e elle partiu. — Mas um grande acontecimento se descobriu então: uma Religiosa tinha abandonado o convento, e o quadro patenteado pola impaciencia feminina, revêla a toda a communidade o enigma! MANUELA estava n'elle representada voando nos celestes espaços sobre os braços dos anjos, que todos tinham as feições de Alonso Cano! Manuela havia seguido o pintor, que para indemonisar as boas das Freiras lhes deixava em trôco a mais bella e poetica das creações de seu pincel!

E foi ditosa com Alonso a linda Freira dos campos de Sevilha! Tanto quanto se pôde ser

(*) Cumpre advertir que em os Conventos de Hespanha havia muito menos severidade.

no meio das mil peripecias d'uma vida noma-
da, que o forçava a recitar aos paisanos tre-
chos dos poetas comicos d'Hespanha, quando
Alonso Cano não queria trabalhar; e a prepa-
rar as côres e palhetas, quando, esquecendo
suas desgraças, Cano se decidia a fazer um qua-
dro. — Mas um dia a desventura, a felicidade,
que alternadamente affligiam, e consolavam a
pobre Manuela, cessaram.

Cano recitando dialogos comicos com Ma-
nuela, ou pintando Virgens, e esculpindo cru-
cifixos, estava a algumas léguas de Madrid.
Sabia que seu nome era conhecido, e que os ti-
tulos de gloria, que por seu caminho espalhá-
ra, tiham subido ao exame da admiração
contemporanea. Porém o sol que chama as nu-
vens; e os odios, que seu humor satyrico lhe
havia acareado na mocidade, começavam a
dispertar mais energicos, mais violentos, que
no começo de sua brilhante carreira d'artista.
Essa infeliz realidade, exaggerada ainda pela
imaginação ardente de Alonso, corroía sua al-
ma e coração, e fazia que se lhe affiassem aos
olhos os typos, que dava ás calorosas inspira-
ções do seu genio. — Sob taes inspirações se
deu Alonso Cano a crear uma tela ás portas
de Madrid!...

E qual foi a obra que produziu? Uma das
scenas mais terriveis do Juizo Final; uma imi-
tação de Miguel-Angelo; uma pagina do in-
ferno do poeta florentino. — Ora, em quanto
o fel da satyra se estendia sob o pincel, e que,
entregue o espirito e coração á vingança, Cano
materialisava com as tintas a ignobil máscara
de seus inimigos, Manuela estava atraz do pin-
tor em pé sobre o andaime que por alguns dias
tinha de ser a permanente habitação do ama-
nte; e vendo animarem-se horrendamente aquelas
figuras, a louca se pôz a rir, e a rir, obedecendo
a um desses paroxismos, a que não ha
remedio senão ceder...

Mas Cano não pensava então nem em Ma-
nuela, nem em si mesmo; luctava contra seus
inimigos, e não via senão a guerra, que lhes
declarára com suas côres, e pincéis: julgou ou-
vir o insulto da boca delles; e levantando-se,
arremette contra o genio máu que n'um riso de
escarneo lhe accusava de impotencia, a sua obra,
a sua energia de fraqueza. O estrondo d'um
corpo que cae, seguiu, ou acompanhou este
movimento: — era contra o altar de marmore
o corpo de Manuela!... Alonso precipitou-se
sobre o cadaver da esposa, quiz tambem mor-
rer com a mesma morte, e o corpo de Manue-
la o não consente!... Desgraçado, desgraça-
do!... D'ahi a uma hora jazia Cano nas mas-
morras da Inquisição.

Acusavam-n'o em primeiro lugar de ter
manchado de sangue um altar, de ter commet-
tido um homicidio n'uma Igreja, e por ultimo

ser elle o assassino de sua mulher! E Cano só
respondia: Sou innocente!... Foi pois o gran-
de pintor conduzido á camara da tortura, onde
lhe explicaram meudamente todos os instrumen-
tos e seus usos. — E o pintor não descorava,
não tremia; porque o seu espirito já tinha per-
dido a comprehensão! Deu-se a ordem de o pôr
a tormento, e Cano supportou sem uma só
queixa o rijo apêrto dos trames; mas quando
lhe metteram o braço difeito n'uma torquez de
ferro, Alonso como que accorda d'um sonho pe-
nível, e clama: — Quereis destruir um braço
que povouou de sanctos os vossos templos! Igno-
raes, que sou Alonso Cano?... — O juiz,
que ignorava seu nome, suspendeu a execução;
e Philippe III, por amor do luxo das Igrejas,
foi quasi tão clemente como o Juiz do Sancto
Tribunal; mandou que se continuasse a tortu-
ra, mas sem tocar no braço direito de Alonso!
— Mas elle tinha enlouquecido; a sua loucura
o deixou viver, e a força de seu talento ainda
lhe consentiu fazer um derradeiro quadro.

Manuela occupa todo esse quadro, e de seu
rostro pálido transparece a dôr; mundano tou-
cado, como o das actrizes do tempo, lhe adre-
ça a fronte, e grosseira estampanha lhe revis-
te os delicados membros; apontando com
uma das mãos para os ornamentos, e pa-
ra o austero do vestido com a outra, lê-se-lhe
sobre o coração a assignatura do amante, o no-
me de Alonso Cano! E via-se o ardente e pu-
ro Ceo das Hespanhas; mas por extravagancia
do pintor apenas em um desses lucidos e curtos
momentos, que a Providencia concede aos lou-
cos, como para lhe fazer lamentar a perda
intelligencia, se vê tambem um sulco phantás-
tico e anguloso, que simelha perfeitamente o
raio! — E este quadro tão profundamente al-
legorico representava Manuela ao mesmo tempo
religiosa, actriz nomada, amante de Alonso,
e victima do amor!...

O Novo Periodico semanal intitulado
COSMORAMA LITTERARIO, de que gos-
tosamente teremos de fallar mais d'espaco, é
um documento irrefragavel do quanto a nossa
litteratura váe medrando e progredindo: assim
nos apressamos nós a dar delle uma amostra,
transcrevendo um dos seus excellentes artigos.

Origem e Fins da Poesia.

Muito tempo antes de haver Arte, existí-
ram obras; — muito tempo antes de se have-
rem estabelecido regras, haviam os homens com-
posto e inventado, sem regras nem preceitos:
— a poesia, sem dúvida alguma a mais anti-
ga de todas ellas, nasceu livre espontaneamen-

te, porque em todos os tempos existiram poetas, e por consequencia as scenas da natureza foram tambem as primeiras a ser cantadas e descriptas, sem que para as descrever houvessem os homens mister de outra cousa mais do que ceder ás inspirações que d'ella lhes vinham; de outra cousa mais do que sentir essa precisão (sem a qual em balde quereréis ser poeta) de derramar uma parte das commoções que ella vos inspira, quando a contemplaes na magnificencia de suas scenas.

Sentados ás margens dos rios, no cimo das montanhas, ou no fundo dos valles, elles viram sempre essa bella fugitiva, a quem lhes aprouve de chamar Musa; ora simples e ingénua a mirar-se nas ondas fugitivas de um arrião; — ora percorrendo pelos prados alcatifados de verdura; — ora finalmente, sentada sobre rochedos alpestres, e sempre e em toda a parte transfigurando-se em mil fórmas diversas, a rir-lhes, e a accenar-lhes para que a fossem seguindo.

Mas quem era esta beldade errante a quem lhes aprouve de chamar Musa?... nada mais era do que a imaginação do mesmo homem, levada do embevecimento e entusiasmo, que naturalmente lhe deviam inspirar as scenas de um mundo, que de continuo se renovavam a seus olhos cheios de admiração. — Eis ahi como a Musa da poesia se revelou aos primeiros poetas, e como a principio lhes appareceu simples e formosa, unicamente vestida de sua propria graça, porque toda pudôr e bellezas não tinha precisão de enfeites nem de atavios para occultar desaires, que não possuía. — Eis ahi igualmente como estes lhe deveram as suas primeiras inspirações, e, como forçosamente, estas terão de ser sempre as primitivas de qualquer povo, de qualquer nação.

A ingenhosa Grecia; que, como nós, se não podia presar de haver devido a crença de seus pais a uma revelação toda divina do mesmo Deus, author de tantos prodigios, foi a ella, a quem deveu a sua primeira origem; — foi dos fenómenos sensíveis de um mundo physico, que ella se elevou até a idéa de um poder desconhecido, e de uma força extra-natural; mas falta da verdadeira, que unicamente lhe podia esclarecer o espirito, este se desvairou deixando-se ir após os caprichos de sua bella fascinadôra, que tudo lhe compôs de allegorias por mil modos diversas, e complicadas, ás quaes os tempos deram a final, para o vulgo, o caracter de uma quasi revelação: — eis ahi qual foi sempre a sua influencia sobre a de todos os povos, creando-lh'a sempre mais ou menos cheia de terrores, mais ou menos aprazível, seguindo essa mesma natureza, d'onde tirava origem lhes fallava ao coração, e á fantasia com mais ou menos amenidade, com mais ou menos horrores.

Mas sem remontar tão longe, sem curarmos de cousa tão óbvia, como a de provar, que só ella creou a religião de todos os povos da antiguidade, e em geral a de todos os outros do moderno mundo, que com elles a não deveram á fé de uma revelação, vejamos como poderosa se ostentou sempre para influir sobre todas as fórmas da vida social de qualquer povo.

Si a antiga Grecia lhe deveu a origem de todos os seus *Numes*, *Jupiters*, *Martes* e *Neptunos*, como ella todas as mais nações da terra lhe deveram os progressos sensíveis de sua illustração moral e positiva; isto é, o amansamento da fereza dos seus primitivos tempos; o amor de sociedade, que a todos os homens inspirou, e finalmente tudo quanto podia tornar o homem feliz n'esses tempos, em que sós, e dispersos pelos campos só ella os poderia fazer reunir, pelo amor do bello com que continuamente lhes fallava ao coração e á fantasia. — Era assim que para os vingar da aspreza dos trabalhos, a que durante o dia se haviam dado, e para lhes desviar a idéa para objectos mais risonhos, e que mais lhes aprouvessem depois de haver andado percorrendo pela assomada dos montes, á noute os entrelinha com os sons melodiosos de seus cantos e simpleza natural e encantadôra de suas primitivas harmonias: — era assim, que insensivelmente lhes ía amansando a natural rusticidade dos costumes.

A *linguagem* foi sempre das primeiras cousas a que mais se ressentiu de sua influencia; como de instrumento que ella tinha de apurar e concertar, para ao depois se servir: — observai como a principio incorrecta e desflorida, se foi gradualmente aperfeigoando e enriquecendo, ao passo que das frautas de seus poetas ía saindo mais modulada e composta; para que nella podessem reproduzir não só os pensamentos e affectos, quaes dentro n'alma lhes existiam já, mas tambem com o sonôro das harmonias e toadas, quando nas vozes humanas os queriam expressar. — Foi este o primeiro trabalho de todos elles; o de compôr e aperfeigoar a harmonia das vozes, porque sem essa em balde quereréis achar poesia: — a alma do poeta é como um instrumento, que mais se compõe ainda de sensibilidade, que de intelligencia: — nada tão fortemente a pôde abalar e commover como a torrente deleitosa das harmonias, que bebida pelos ouvidos lhe sôa no coração, e lhe repassa os seios mais interiores.

Difficultosa empreza, por certo, a de compôr a harmonia de uma linguagem rude, e por sua índole propria, mais ou menos adoptada a recebê-la, a moldar-se ás suas exigencias: — por isso não foi bastante que ella per si só o houvesse de querer alcançar; houve de recorrer a outra, que a ajudasse em semelhante empreza;

e,ahi veio a Musica, essa primitiva linguagem do homem, ajudar a expressão das palavras, para as corrigir de sua natural aspereza, para que, quanto aquella não podesse, ou se recusasse exprimir, lá o fosse esta pela toada dos sons encadeando, e de algum modo expressando ao ouvido, para que este o transmittisse ao coração. —

Foi assim que a Musica, ou a poesia dos sons, veio servir a poesia das vozes ou das palavras: — é por isso que nas primitivas composições de qualquer povo se reconhece sensivelmente, que só para a Musica foram feitas, ou para fallar com mais propriedade, que juntamente com esta tinham nascido. — Cumpria, por certo, á mais formosa expressão humana o corrigir o caracter, e castigar a dureza da segunda: como sua irman mais velha cumprira-lhe doctrinal-za e ensinar-lhe esse idioma mysterioso de sons, e toadas que pelo espaço andára recolhendo. —

Depois das fórmãs desordenadas e sons ásperos, com que a principio se havia apresentado e fallado ao ouvido, suas fórmãs, e suas harmonias se foram gradualmente aperfeiçoando; de filha de má vida e vagabunda dos campos, como a principio foi, se tornou mais simples e reflectida; singela, mas natural, sem galas ou enfeites, que a contrafizessem jámais, ou que uma vez só dêssem ares de a quererem véxar em seus momentos. — Diz-se que a Lyra dos poetas não tinha ainda remontado todas as suas cordas, nem que essas mesmas estavam bem afinadas: mas seja como for, a poesia narrativa, ou a da natureza, tinha nascido assim mesmo por entre toda essa rudeza, e n'ella se viam já os começos de uma arte inteiramente divina. —

Oh! quanto não são bellas e naturaes as canções de nossos primeiros poetas!... Ha n'ellas um tal perfume de antiguidade e melancolia, que repassa os seios d'alma, e que insensivelmente entenece a quem as lê com attenção, e se apraz em voltar com o pensamento até a esses tempos, que as viram nascer: — um *não sei que* de profundamente sentido, que mostra já o espirito como querendo elevar-se a maiores alturas, e desprender-se das fórmãs terrestres que revestira: — um *não sei que de sis-madôra melancolia*, como tam bem lhe acertou de chamar um de nossos escriptores modernos, que sempre mais aqui ou alli, revela o saudoso sentir da alma do poeta.

Mas entretanto, qual havia sido o primeiro fim da poesia?... cantar a natureza em seus fenómenos sensíveis: cantar a felicidade do homem na sua contemplação; o que lhe faltava, era sómente cantal-o nas relações mais intimas de seu espirito com o mesmo Architecto, author sublime de tantos prodigios. — E eis-ahi

o que mais tarde fizeram os primeiros Bardos christãos em suas harpas crentes, inspirados pela fé, e pela revelação do mesmo Deus. —

Não é isto porém dizer que os poetas da antiga Grecia e Roma, não tivessem tambem saído em suas composições do mundo material para o intellectual do pensamento; mas que, como esse era só o da imaginação, raras vezes falaram por esse modo ao coração e ao sentimento, quando por ahí se lhe quizeram insinuar. — A mythologia Grega, cheia de divindades tam viciosas, como os mesmos homens, e com attributos, que muitas vezes se repugnavam, não podia falar sem infundir terrores á imaginação do homem que ostemia, mas não os amava. — Eis porque, após a sua poesia primitiva, a da natureza, a que mais lhe poderia convir, era, sem duvida alguma, aquella que lhe falasse das coisas em que mais crê-se na vida social; e d'ahi tomaram origem as Epopeias, e mais poesias nacionaes, que tinham por fim cantar as virtudes patrioticas, exaltar o nome dos guerreiros, as suas boas qualidades, e os seus deveres para com a patria. — Foi essa tambem a que adoptou uma sociedade nascente, que pelas fórmãs da antiga se ia formando, adoptando igualmente com ella o maravilhoso de sua religião. — Largo tempo jazer assim sujeita ao jugo caprichoso, que lhe impozeram as leis de uma Arte, á qual lhes aprouve chamar de *Imitação*.

Mas a verdadeira poesia, a que só lhes poderia convir, lá estava nos livros sagrados: — n'es-es livros, que ao homem revelaram a *unidade espirital*; mas por desgraça, o que a principio havia, como todas as coisas, sido um bem, se tornou n'um mal; e a poesia, essa filha do espirito humano, revestindo-se então de trajos estranhos, se contentou com o reflectir as fórmãs de outra época, esquecendo que para mais altos fins Deus a havia destinado.

Nós examinaremos mais de espaço como a final uma completa mudança no modo de pensar, a fez seguir os seus verdadeiros fins.

Chronica Theatral.

THEATRO NORMAL. — Continuum em Scena — CAMÕES DO ROCIO, e O BOM AMIGO. — Terça feira 14 do corrente representou-se pela primeira vez o ZANGUIZARRA, farça por ugeza de insipido entreicho, e toda cheia de pouco decentes *equivocos*: — si o Theatro Nacional continúa a dar que rir ao populacho em prejuizo dos expectadores sizados e das familias honestas, em breve se tornará o que eram antigamente os nossos theatros portuguezes. — Algumas *décimas* que o

Sr. Theodorico recitou na farsa OS DOUDOS, já escandalisaram muita gente, e com razão.

Parece bem mesquinho o repertorio da Rua dos Condes pois se vêem ahí obrigados a recorrer a quantas farsas antigas per ahí se acham sem attender muito á escolha. Ha muito tempo que no Theatro Normal se não vê a representação de um *Vaudeville* chistoso como o CABRITO MONTEZ ou as LUVAS AMARELLAS &c. — Não faltam lindíssimas produções de *Scribe* e outros auctores Comicos, que traduzidas, melhor acceitação teriam do que as muito ouvidas e não muito modestas farsas do principio d'este Século: ha muito em Lisboa quem traduza, e até sem verter *jeune personne* por *joven pessoa*, e *pourtant* por *por tanto* como se viu na traducção do mencionado *Cabrilo*.

THEATRO DE S. CARLOS. — Domingo 12 do correnre, ROBERTO DO DIABO. Foi a primeira vez que a parte de *Helena* (a *Abbação*) foi representada e dançada pela Sr.^a MORENO. Esta mui joven bailarina estava como affrontada por ter que desempenhar um papel de tanta importancia, e mais que tudo por substituir n'elle a uma artista de tão subido quilate como *M.^{lle} Clara*, e que tantos applausos captou do público portuguez. Não seria por certo acolhida com enthusiasmo em Lisboa qualquer dançarina de primeira ordem que a *M.^{lle} Clara* houvesse de seguir-se na representação do 3.^o acto de Roberto do Diabo. Não podemos attingir a razão porque se não deu este papel á Sr.^a DE VECHI, a qual, pelo seu maior uso e experiencia da scena estaria em muito melhores circumstancias para o supprir do que a Sr.^a MORENO; esta com tudo foi applaudida, certamente pelo desejo de animar aquelle talento nascente. Os Coros foram mal em muitas partes e no brilhantissimo final do 4.^o acto desharmonisaram completamente: raras vezes tem elle sido cantado soffriavelmente, e si o grande Mayerber presumisse a maneira porque lhe estragam os mais bellos treixos das suas melhores produções córaria de enojo e despeito! — No estado actual da opera constituem os córos uma das suas partes mais essenciaes; cumpre por tanto que não poupem elles diligencias, nem os ensaiadores fadigas, a fim de que essa tarefa importante seja plenamente satisfeita. Tem-se notado que, não são poucas as occasiões, em que alguns coristas, em vez de cantar, se esquecem de que estão em scena, e permanecem mudos. E' tambem muito para advertir, que, a razão porque alguns córos produzem pessimo effeito provém de não começarem todos a cantar quando devem, o que succede muitas e muitas vezes; pois, achando-se distraidos, não principiam senão quando sentem a voz dos seus camaradas, e então são subitamente do seu

extasi, e entram fóra de tempo. — O mister dos coristas é bem simples: — cantar afina-dos e a compasso; delles não se exige, nem grande mimica, nem expressão, nem vol-latas, nem floreados: os erros pois que com-temtem só a criminosa negligencia devem ver attribuidos.

Segunda feira 13, em beneficio do Sr. Iorch, PARISINA, O TRIUNPHO DE AMOR, Duetto dos PURITANOS. — Parisina foi regularmente desempenhada. — O Duetto dos Puritanos executado pelos Srs. Spech, e Mariani pôde dizer-se que foi mui bem cantado: os dous actores foram bastante applaudidos; e chamados fóra. A voz do Sr. Mariani, pela sua extensão e fortaleza produziu muito bom effeito, e specialmente na *Stretta*; é justo porém dizer que este actor tem por costume exaggerar-se em sua mimica, e abusar das intonações tragicas e apaixonadas, que aliás, poupando-se e sendo empregadas convenientemente dão alma ao canto, e arran-cam lagrimas e applausos ao expectador. O Sr. Spech ainda não tem a sua voz familiarisada com a capacidade do Theatro de S. Carlos, e por isso acontece não a graduar como convém, donde resulta exforçar-se muitas vezes em demasia, como receiando não ser ouvido. E' para notar que este artista exhaure muitas vezes toda a sua voz no decurso dos *alegros* de maneira que nos finais delles já não pôde empregar tanta força como se requer; parece que poupando mais a voz nas *floriture* poderá rematar melhor as peças de execução, que aliás o Sr. Spech desempenha muito bem: desejáramos vel-o em outra opera, onde pos-se alardear com mais vantagem os dotes que já tanto o tem exaltado na opinião dos intenedores.

O novo bailête — O TRIUNPHO DE AMOR, de composição do Sr. Iorch, tem merecido bom acolhimento posto que seja muito destituído de bailados, e demasiadamente abundante de grupos, que não têm muita novidade: a scena de Cupido com os camponezes não perderia por menos demorada, pois que, não podendo distinguir-se claramente a gest-iculação atravez da rêde que o envolve, cansa em pouco tempo a attenção dos expectadores. Esse papel de Cupido é mui bem desempenhado, e custa a conceber como na idade infantil pôde dar-se tão fina intelligencia. — A scena da caverna é de muito effeito, e faz erriçar os cabellos trazendo á lembrança muitas historias de viajantes, e de Genios máus como os que alli se afiguram: — e muito bem lhes vá esse diabolico sorriso, essa horrida alegria com que respondem ás preces da innocente formosura. — E eis-nos trazidos naturalmente a falar da Sr.^a DE VECHI. —

Mui longe de ser uma dançarina de primeira ordem, dão-se todavia na Sr.^a *De Vecchi* algumas qualidades que levam o público a relevar-lhe muita imperfeição, e até a applaudil-a assás como fizeram na segunda feira. — Uma figura agradável, um rostinho benevol e animado, um agradecimento rendido muito penhora as *palmas*: de mais, certo ar de desconfiança nas proprias forças, tem-lhe concilhado favor. — Nas danças appressadas é a Sr.^a *De Vecchi* muito melhor do que nas pausadas, provavelmente porque lhe falta firmeza para as attitudes e delicados passos, que no adagio se requerem; e na verdade não é a firmeza attributo que se possa conceder á joven dançarina. — Finalmente; com quanto a eschóla franceza seja muito mais confôrme ao gosto apurado, faz bem a Sr.^a *De Vecchi* em seguir a italiana, porque se compadece melhor com os seus *mezzi*.

Quarta feira 15, ESMERALDA; — correu muito melhor do que precedentemente: o duetto da Sr.^a *Ferloti* com o Sr. *Spech* foi executado com primor.

Theatros Estrangeiros.

Os principaes Theatros da Europa têm-se especialmente occupado com a representação das seguintes Operas: — *Lucia de Lamermoor*, *Parisina*, *Gema de Vergy*, *Nina*, *Roberto Devereux*, e *Norma*.

Em VARESE foi extraordinariamente applaudida uma Dança tragica, em 5 actos, intitulada *Joanna de Secilia*, composição de Fernando Rugali, o qual obteve os maiores triumphos.

Este Choregrapho compôz tambem um Baile comico para o Theatro da *Scilla* em Milão, o qual se intitula: = *O Esboço de uma Mascarada*. =

EXPECTACULOS DA SEMANA CORRENTE.

THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 19 — ROBERTO DO DIABO. Adverte-se não ser a ultima representação do Roberto, conforme se havia annuciado, e sim passar para o dia 26, em consequencia de não poder ir neste dia a opera nova de Mr. Miró, por não estar ainda concluida.

Segunda feira 20 — Beneficio da 1.^a mímica Ursula Catte, Opera — PARISINA. Dança — OS PORTUGUEZES EM TANGER. Depois do 1.^o acto da Opera o Duetto dos Puritanos, can-

tado pelos Srs. *Spech* e *Mariani*; depois do 2.^o acto o Duetto da Carità, pelos Srs. *Conti* e *Ferretti*.

Quarta feira 22 — Repete-se o mesmo espectáculo.

Sexta feira 24 — Opera ESMERALDA, Dança — O TRIUNPHO DE AMOR.

Domingo 26 — ROBERTO DO DIABO, pela ultima vez. —

AVISO.

A Associação, composta da Sociedade Redactora do Semanario Harmonico, e os Discipulos do maior mestre de musica Portuguez, o pranteado Padre JOSE' MARQUES DE SANTA RITA E SILVA, no fim desta declarados; tem projectado erigir um mausoléo, para onde sejam trasladados os restos mortaes do mesmo grande mestre; acompanhar este acto d'umas pomposas Exequias; e offerecer o seu retrato ao Conservatorio: E como desejem os membros desta Associação, partilhar a gloria d'uma tal empreza, com todos os Discipulos do mesmo celebre Artista: convidam, por este meio, a todos dos mesmos Senhores, aqui não mencionados, para tomarem parte nos seus trabalhos, a fim de perpetuarem a memoria do famoso genio, ornamento da sua arte, e gloria da Nação a que pertenceu; e por tal modo mostrar ao mundo, que nem sempre o esquecimento é o premio do verdadeiro mérito. Para que a Associação possa saber quaes são os que annuem ao seu convite, roga aos mesmos Senhores, assim o participem por carta dirigida ao seu Secretario Francisco Xavier da Silva, morador na Rua das Pretas N.º 4, 3.^o andar; declarando na mesma a rua, e numero da sua morada, para serem préviamente avisados, do dia, local, e hora em que ha de ter logar a sua terceira sessão, na qual tem de ser presentes os desenhos do mausoléo, e o orçamento de todas as despezas, a fim de que se possa tomar uma definitiva resolução. Lisboa, Sala das reuniões, em 6 de Janeiro de 1840. = Joaquim Casimiro Junior, Presidente. = Feliciano Antonio de Passos Rebello. = Manoel Innocencio dos Santos. = Antonio Luiz Miró. = Poly-carpo Procópio Neves. = Francisco Xavier Migoni. = João Nepomuceno de Mendonça, = Padre José dos Reis Cordeiro.

O Secretario

Francisco Xavier Pereira da Silva.